

**Marcelo N. Melchior – Mestrando em Educação – Universidade Católica Dom
Bosco. Campo Grande MS. melchior@ucdb.br**
**Drº Antonio Jacó Brand – Orientador – Universidade Católica Dom Bosco –
Campo Grande MS. brand@ucdb.br-**

**‘WATÉBRÉMI¹ – Xavante: Uma Aproximação ao Mundo das Crianças
Indígenas.**

1 - INTRODUÇÃO

A história humana sem dúvida é o relato do desenvolvimento de formas emergentes, tanto de culturas como de sociedades. A questão para a antropologia tem sido encontrar a melhor maneira de retratar essa história, e de quais são os tipos de análise adequados para descobrir princípios gerais nas mudanças (...) ocasionadas por transformações nas diferenças culturais definidoras de fronteiras. (BARTH, 2000,p.66).

Os estudos que nos remetem a descobrir o universo simbólico e referencial das crianças ainda são muito poucos. Pesquisas e trabalhos que explorem esse contexto começaram a ter uma certa relevância aproximadamente na década de setenta, quando alguns antropólogos buscaram encontrar algumas respostas a partir de uma antropologia voltada a criança, “as crianças constituem um grupo social que pode e deve ser estudado especificamente”(LOPES, 2002, p.13).

Temos uma reformulação ou bem como uma quebra de paradigmas, visto que até então as crianças não possuíam um verdadeiro espaço nos estudos da academia. “Alguns trabalhos científicos começaram a ensejar um toque de mudança de maior profundidade e abrangência, delineando a necessidade de indagar a história da invenção da infância” (ARIËS, 1981, p.13).

A infância passa por um processo de investigação e descoberta de muitos significados que são imanentes à própria pesquisa antropológica, pois “as crianças são agentes ativos que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto” (Corsaro, 1997, p. 5).

¹ ‘Watébrémi na língua Xavante significa *criança, menino(a)*.

Faz necessário ressaltar que os estudos sobre as crianças indígenas são praticamente inexpressivos no contexto acadêmico. Notamos que as crianças de um modo geral, passaram a ser estudadas a partir da década de 70, mas as crianças indígenas não foram alvo nem foco de pesquisa, ficando excluídas desse contexto. “Não encontramos um único título específico sobre as crianças das sociedades indígenas. Os motivos podem ser vários: ou porque estas não se incluíam na tal infância pobre que era alvo de preocupação, quer dizer, não constituíam um problema e, portanto, não mereciam a atenção (...) ou porque, simplesmente pela falta de interesse existente.” (LOPES, 2002, p.17).

A pesquisa que desenvolvo busca investigar e principalmente contribuir com os estudos referentes à antropologia da infância, especificamente das crianças indígenas como um todo. Tenho como campo empírico as crianças Xavante da Aldeia de Sangradouro no estado de Mato Grosso.

As `Watébrémi Xavante, olhando dentro da história Xavante, nunca tiveram uma voz que fosse realmente analisada e interpretada. Se os anciãos da aldeia, os pais e os padrinhos acompanham incansavelmente o processo, na educação tradicional, percebo uma grande necessidade de ouvir as `Watébrémi, tomando como ponto fundamental a criança como um ator social importante e relevante.

O que se busca é compreender e, principalmente, reconhecer a criança indígena como sujeito social ativo e atuante e produtor de cultura. “Cada cultura pensa o desenvolvimento da criança a partir de seus próprios termos”(COHN, 2005, p.42). A pesquisa objetivará pretende buscar a compreensão dos significados e expressões próprias do universo simbólico e referencial das crianças. Compreender o mundo da criança e suas lógicas de pensar a realidade, seus aprendizados, como sujeito em toda a sua complexidade, suas percepções do cotidiano da aldeia, da escola, da família, dos rituais e dos símbolos constitui-se em tarefa de máxima importância.

O mundo de representações das crianças indígenas deve ser visto e interpretado de uma forma singular e significativa. “Não obstante as mudanças introduzidas pelo novo paradigma, o que se sabe sobre a criança continua sendo o que os adultos sabem sobre ela, e não o que a criança tem a dizer de si mesma.”(BUTLER E SHAW,1996,p.22). Compreender a criança com todos os seus significados a partir dela mesma é algo extremamente desafiador e, ao mesmo tempo, complexo. Contudo essa pesquisa poderá contribuir com os estudos referentes a antropologia indígena.

Segundo James, Jenks e Prout(1997), temos alguns princípios que são fundamentais dentro da etnologia sobre a infância que é: “a infância como construção social(...); o mundo social da infância como um mundo a parte, cheio de significados próprios(...); as crianças como grupo minoritário(...); a criança como categoria socioestrutural”.

“A antropologia da criança indígena no Brasil pode trazer uma importante contribuição, aliando a maturidade da pesquisa etnográfica num País culturalmente tão

diverso ao vigor e solidez da reflexão etnoantropológica que aqui se tem construído”. (LOPES,2002,p.24).

Dessa forma, estudando as crianças indígenas significativas descobertas poderão ser alcançadas, inserindo-se nesse meio, buscando aprofundar, tentando refletir e entender o que é ser criança?

2- A CRIANÇA INDÍGENA XAVANTE

A criança ocupa um espaço fundamental dentro das sociedades. Hoje as pesquisas preocupam-se com alguns questionamentos que são importantes para uma melhor compreensão desse grupo, principalmente no que se refere aos dados culturais que cada criança possui. Geertz (1978, p.15) afirma que “o homem está amarrado em teias de significado construídas por ele, sendo a cultura, essas teias” ele apresenta uma forma de cultura que nos mostra “sistemas organizados de símbolos significantes que orientam a existência humana”(1978; p.58).

Seguindo esse raciocínio Corsaro (1997; p. 95) diz que as “crianças produzem uma série de culturas de pares locais que se transformam em parte, e contribuem para culturas mais amplas de outras crianças e adultos dentro das quais eles estão inseridos”. Desse modo as crianças podem ser consideradas como sujeitos ativos e importantes dentro da sociedade, construindo interpretações e símbolos próprios a partir de sua cultura.

Corsaro (1997, p.95) aborda um conceito do que seria uma cultura infantil, sendo, “como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores ou preocupações que crianças produzem e compartilham em interação com pares”. A criança Xavante em seu cotidiano na aldeia compartilham constantemente dessas interações, temos como um valor cultural significativo o ato de brincar, sendo este, muito importante dentro da sociedade Xavante, principalmente entre as crianças.

Com as brincadeiras a criança Xavante, faz os primeiros processos de integração com os demais colegas, sejam eles da mesma idade, ou não. Com as brincadeiras, a criança Xavante desenvolve, o respeito, a amizade, a responsabilidade, bem como exercita o seu corpo. As brincadeiras são as mais variadas, tais como corridas, tomar banho no rio, subir em árvores...etc.

As relações culturais dentro da sociedade Xavante se interagem formando as “teias” como afirma Geertz, ocorrendo as trocas e as negociações dentro do grupo. Desse modo, a criança se intera a partir da sua visão de mundo com os demais adultos.

Vale a pena ressaltar que a criança Xavante vive também em seu “mundo” algumas ações que são particulares a essas fases não sofrendo diretamente interferências dos adultos. Tendo como exemplo as brincadeiras, elas ocorrem de um modo espontâneo, não necessitando que o adulto determine, quando deverão ocorrer, estipulando tempo e regras, cada uma faz de acordo com a vontade e espontaneidade.

Isso é um fator extremamente importante, que difere as crianças indígenas Xavante das demais crianças não índias. Pois, as não índias constantemente estão sendo “vigiadas” pelos adultos, passam por regras e limitações, existindo pouca liberdade entre as mesmas. As próprias crianças Xavante afirmam ser livres dentro da aldeia, sendo isso, um fator cultural sumamente importante no grupo e é também valorizado pelos anciãos essa espontaneidade das crianças.

Na sociedade Xavante, o processo de socialização da criança não se dá somente baseando-se nas ações dos adultos, de um modo impositor e ditador. Existe dentro da cultura um processo variado de negociações entre os indivíduos, havendo assim uma interação entre os adultos e as crianças. Corsaro (1997) defende essa concepção de socialização da criança que se dá por meio de negociações sendo um método de interações recíprocas.

Desse modo as crianças Xavante são atores capazes de criar e modificar a sua cultura, mesmo estando inseridas e fazendo parte do mundo dos adultos, elas também contribuem nesse processo de interação social.

Corsaro (1997, p.5) afirma que as crianças “são agentes ativos, que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto”, esse conceito de Corsaro desenvolve-se claramente no dia a dia da sociedade Xavante, pois a criança é um sujeito ativo que gera contribuições para o adulto. Os anciãos identificam a criança, como fonte de prosperidade para a sociedade. É muito normal numa aldeia Xavante as famílias terem em média 3 a 7 filhos. A criança é uma dádiva na concepção dos anciãos, e de forma alguma devem ser impedidas de virem ao mundo.

Portanto, dificilmente encontra-se uma aldeia Xavante com poucas crianças. O centro da aldeia denominado Warã se torna palco de encontro dos anciãos, bem como espaço de brincadeiras das crianças, tanto as crianças como os anciãos se interagem nesse espaço com muita naturalidade, sem divergências ou discórdias, o carinho existente entre os anciãos e as crianças manifesta-se espontaneamente.

3 – A IDENTIDADE DA CRIANÇA XAVANTE

A identidade das crianças Xavante, é uma identidade cultural, capaz de constituir-se de tal modo que não seja reduzida totalmente às formas culturais dos adultos. Porém dentro da sociedade Xavante a autonomia das crianças será relativa, pois as mesmas não possuem total autonomia no processo de socialização. Os ritos, ensinamentos, brincadeiras são produtos da interação dos adultos com as crianças, tornando – as, participativas dentro do grupo.

“(...) a cultura no interior de uma realidade humana é sempre dinâmica, não é fechada ou cristalizada como um patrimônio de raízes fixas e permanentes. A cultura possui fronteiras móveis e em constante expansão. Tampouco é conjugada no singular,

já que é plural, marcada por intensas trocas e muitas contradições nas relações entre grupos culturais diversos, e mesmo no interior de um mesmo grupo”.(GUSMÃO, 2003, p.91)

Os modos de se manifestar, que as crianças possuem juntamente com os seus sentidos, atitudes, gestos, posições, nem sempre correspondem as nossas interpretações, desejos e anseios. É um equívoco atribuir sentidos de verdade para os outros, bem como universalizar as discussões, pois como afirma a autora “a cultura é sempre dinâmica”. Cada grupo terá formas de manifestações diferentes, e que estarão sempre em mudanças, não sendo estático, engessado. “Para Sarmento e Pinto (1997, p.26), é preciso que o adulto não projete o seu olhar sobre as crianças, colhendo junto delas apenas aquilo que é reflexo conjunto dos seus próprios preconceitos e representações”.(apud,GUSMÃO,p.97)

As crianças não são simplesmente um “objeto de condicionamento passivo” “um objeto de aceitação dos adultos”. As formas de manifestar, que as crianças encontram para transpor o que lhes é determinado, faz parte de um meio que elas mesmas demonstram e apresentam para os adultos e que na maioria das vezes essas ações não são compreendidas, ou não são valorizadas.

Desse modo, “pode-se afirmar que os grandes aliados na luta pelo reconhecimento do direito das crianças viverem sua infância (inclusive o direito de transgredir) são elas mesmas, que resistem, reagem, questionam e discordam das imposições dos adultos, principalmente quando a justificativa para a manutenção da ordem é completamente arbitrária e contrária às necessidades e aos interesses das crianças”. (Sarmento e Pinto, 1997,p. 56)

A não conformidade das crianças às normas pré-estabelecidas e a criação de outros jeitos de fazer são, justamente, o que as diferenciam dos adultos. As formas de experimentar esses outros jeitos de fazer as coisas sem preocupar-se com as conseqüências dos seus atos é, um ponto central na diferenciação entre crianças e adultos.“Aquilo que as faz terem outros mundos, instituindo outros elementos e expressando, assim, uma cultura infantil. Esse jeito de compor novas modas, de inventar estratégias para atender seus interesses e imprimir sua marca, amiúde faz dela uma transgressora sob a ótica do adulto”(QUINTEIRO,200, p.31 apud Gusmão).

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários autores afirmam que as crianças estando em contato uma com as outras, vivem continuamente, num processo de aprendizagem e trocas. Esse fator ocorre momentaneamente com as Crianças Xavante, a aprendizagem se manifesta uma com as outras nos espaços em comum. Corsaro, (1997), define esses espaços

como momentos de produção cultural onde partilham na relação com seus pares, sejam conhecimentos processados pelos adultos e transferidos para as crianças, ou conhecimento que elas mesmo produzem e se interagem umas com as outras.

As crianças são capazes de produzir conceitos e retransmiti-los, interpretando, dando novos sentidos as relações que são estabelecidas como o mundo com elas mesmas e com os adultos.

Nesse sentido faz necessário um estudo aprofundado a respeito desses pequeninos, buscando compreender melhor o seu universo simbólico e referencial como meio de reflexão e interpretação desse cotidiano.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARIÈS, P. *Centuries of Childhood: a Social History of Family Life*. New York:Knopf,1962.

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. Editora: TLC, 1978.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005

BARTH, Fredrik. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro RJ. Contra Capa Livraria, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BUTLER, I.;SHAW,I.A *Case of Neglect?Children´s Experiences and the Sociology of Child-hood*.Aldershot:Avebury,1996.

CANDAU, Vera M. F. *Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação*. In: *Educação & Sociedade/CEDES nº 79 – Diferenças – Campinas: Cedes, 2002*

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

COLL, César. PALACIOS, Jesús. MARCHESI, Álvaro (orgs.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação – vol 2*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Corsaro, William (1997), *The sociology of Childhood*, London: Pine Forge

FREITAS, M.C. (org.). *História Social da Infância no Brasil*.São Paulo: Editora:Cortez, 2001.

GUSMÃO, N. *Os desafios da diversidade na escola*.Editores Associados, Campinas SP, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HEYWOOD, C. *Uma História da Infância*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

KOSHIBA, L. & PEREIRA, D. M.F. *História do Brasil*. São Paulo: Atual, 1993.

KUHLMANN, M. *Educando a Infância Brasileira*. In LOPES, E. M. T. , FARIA FILHO, L. M., VEIGA, C. G. (org). Belo Horizonte:Editora Autêtica, 2000.

LOPES, da Silva Aracy, org. II. Grupioni, Luis Donizete Benzi, Org. A Temática Indígena na Escola: Novos Subsídios para Professores de 1º e 2º Graus. Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

LOPES, E. M. T., FARIA FILHO, L. M., VEIGA, C.G.(org.) *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Autêtica, 2000.

LOPES, Aracy da Silva. *Crianças Indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002.

MAYBURY_LEWIS, David. *A Sociedade Xavante*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984.

NAGLE, J. *Educação e sociedade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RIBEIRO, M.L.S. *História da educação brasileira*. Campinas: Editora: Autores Associados, 2003.

ROBERTS, J. M. *O Livro de ouro da história do mundo*.Rio de Janeiro: Editora

SARMENTO, Manuel J. & Pinto, Manuel. *As crianças e a infância: definindo conceitos delimitando o campo*. In: PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel J. (coord.) AS CRIANÇAS - Contextos e Identidades. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

